

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O velho travestido de novo

Alysson Régis

alysson_regis@hotmail.com

Em 1926, vivíamos os últimos fôlegos de uma república carcomida pela cultura patriarcalista, pelo “toma lá, dá cá” e pelo voto de cabresto. Séculos atrás, a monarquia já demonstrava as fragilidades na coisa pública, mesmo sob o reinado de Dom Pedro II, um exímio estadista. Todavia, reinos caem e outros se erguem. Um novo “reino” surgiu, travestido de uma república onde tudo era do povo e para o povo. Mas será que foi assim?

Infelizmente, os novos chefes de Estado, com excelentes formações, não conseguiram moralizar a república. Arraigado nas velhas práticas de outrora, o novo regime engatinhava eivado de vícios e anormalidades. Antes, a nobreza gozava das regalias que o poder concedia. Nessa república, a classe política, que também comia das migalhas que caíam da mesa imperial, senta-se à mesa, concedendo as benesses aos amigos políticos. A história reservou um fim a essa república. Em

1926, a República Velha caminhava para a derrocada final em 1930.

O que dizer depois de um século de experiência? Da República Velha ao abraço com a redemocratização em 1985, formatando mais uma Carta do Povo em 1988, que preconiza – “Todo o poder emana do povo”. Entretanto, questionamo-nos: o poder surge do povo ou os seus representantes usurpam esse poder e agem de maneira antirrepublicana? Em lapsos de esquizofrenias de poder, as autoridades travestidas de nobres imperiais, por vezes, esquecem-se das balizas constitucionais.

Em tempos de eleição, ansiamos por apresentação de propostas; defesa de ideias, em vez de constrangimento por apoio político; troca de cargos e favores; assistencialismo ou clientelismo. Se vivemos em uma república, sejamos republicanos, sem favores aos amigos e desfavores aos inimigos. Logo, depois de um século de demonstração de evolução, que vivamos o espírito republicano, para que o velho não permaneça travestido de novo.

Na hora H

Marilene Eufrásio

marileneufrasioeis@gmail.com

Era mais uma manhã rotineira para realização de casamentos no fórum da comarca onde trabalho e ali chegou o casal e seus familiares para um dia tão importante. Todos apostos e ansiosos, bem como as testemunhas presentes. Iniciamos a celebração como de praxe. Fiz uma palestra sobre o amor matrimonial e outros aconselhamentos sobre família. Os noivos estavam atentos, porém, a tia do rapaz demonstrava uma inquietação fora do normal. Chegamos ao momento mais importante da celebração onde fiz a famosa pergunta aos nubentes. A noiva respondeu prontamente que sim. Já ele, estático, a pensar, não respondeu. Repeti a mesma pergunta e o interroguei se tinha entendido. Nenhuma reação. Perguntei de forma mais simples: “Fulano, é de livre e espontânea vontade que você quer se casar com Fulana?”. Antes mesmo dele pestanejar, grande foi a minha surpresa

e a de todos na sala quando a tia nervosa gritou: “Sim!!!”. “Mas a senhora não pode interromper, pois é ele quem deve responder”, eu lhe falei, mas ela voltou a interromper: “Ele quer se casar sim, é que ele é abestado. Fala, Fulano!”. E os risos se ouviam. A noiva estava totalmente constrangida. Suspendi o casamento de imediato e pedi para comparecerem ao cartório para marcar outra data – se assim fosse o desejo de ambos. O alvoroço foi geral e, em vez dos sorrisos, todos viram que aquela situação engraçada era trágica. Saí da sala com a tia do noivo ao meu lado me interpellando: “Doutora, a senhora não pode fazer isso! O almoço já está feito.”. Eu quase não acredito na situação. Almoço? Expliquei que não poderia continuar o casamento, pois na hora H o SIM do noivo não foi expressado. Pois é, em todos esses 19 anos de juizado de paz desejo continuar colecionando memórias de finais felizes e essa do sim que não saiu ficou na história. Por isso, caros nubentes, por amor, cuidado com a hora H.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Falo de ti

Pablo Santos Ferreira

Estudante de Jornalismo

Lua
Ilumina meus pensamentos
Me traz ao centro do meu ser
Faz com que eu enxergue
Me faz andar na areia sem rumo
Tomando o rumo certo
Para um dia eu te ter
Por perto
Sabendo ser
O mais puro do ser
Que Deus fez e me fez
Para contigo ser
Concentro e respiro
Inalo e solto
O ar que respiro
O vento que sinto
O mar que é bonito
O latido que perturba
Mas a luz que encandeia
A lua me faz ver
O amor que foi perdido
Que se foi comigo
Que está comigo
Que comigo ainda vai ser
Quando eu voltar ao teu encontro
Perderei o medo do latido
Das noites mal dormidas
Dos olhares corridos
E deitarei pleno
Contigo até o entardecer
Sem medo de morrer
Com olhares súbitos
Cabíveis a tua beleza majestosa
Branca e arqueada
Visível de longe e dançante
Sexy
Gostoso é viver a te ver
A passar
E cheirar você.

CARLUS CAMPOS



Entre o pânico e o amor

Rachel Macedo

Professora

Em 2020, o mundo foi surpreendido por um vírus desconhecido. Desde as primeiras notícias, Rachel entrou em alerta: precisava proteger a mãe, Iracema, de 66 anos. Elas não moravam juntas. Iracema vivia com o marido, um cachorrinha e um gato; Rachel, com a companheira.

Enquanto o vírus avançava, Rachel vivia dominada pelo medo. Iracema, por sua vez, acreditava que a filha se preocupava demais. Mas o contágio veio. Seguiram-se idas ao hospital, tratamentos incertos e a angústia constante. Rachel entrou em pânico. Não queria perder a mãe.

O quadro piorou e Iracema foi internada na UTI, com os pulmões gravemente comprometidos. Rachel também sentia falta de ar, causada não pelo vírus, mas pela ansiedade, algo

novo em seus 36 anos. Durante a pandemia, o medo da morte parecia sempre presente.

Houve esperança quando Iracema recebeu alta. Voltaram para casa, mas nada estava bem. Iracema ficou dependente de oxigênio; Rachel, presa ao medo e à responsabilidade de cuidar da mãe.

Dois meses depois, Iracema piorou e retornou ao hospital. Rachel ainda não sabia, mas aquele seria o adeus. Iracema perdeu a lucidez e, antes disso, pediu para ir para casa. Disse que tinha sido uma boa mãe. Rachel tentou confortá-la, impotente diante do sofrimento.

Iracema faleceu em 24 de outubro de 2020. Rachel nunca mais foi a mesma. Conheceu a ansiedade, a dor, a morte e o peso de se tornar mãe da própria mãe.

O ano de 2020 transformou a vida dessas duas mulheres. Mas apenas uma sobreviveu para contar essa história.

Loucura sã

Raphaella Souza Cançado

Psicóloga

Me levantei, naquele dia bem cedinho, como de costume. Rapidamente ouvi que no quarto ao lado, o seu Joaquim contava mais uma de suas histórias para seus colegas de quarto (uma chaleira, uma almofada e um tubo de creme dental). A história era sobre um navio que vinha voando pelos trilhos em alta velocidade, de repente os quatro pneus estouraram e seu Joaquim deixou o questionamento no ar: quantas melancias sobraram?

Pensei naquela pergunta por dias. No almoço, sentei ao lado do seu Joaquim e expliquei minha objeção. Ele, calmo como sempre, me disse: jovem tolo, não faz sentido mesmo, pode terminar a história como quiser, eu não fiz um final para ela.

Aquilo me deixou ainda mais encaulado, como poderia eu, psicólogo sério, há tanto tempo coordenador de um centro de referência em cuidado mental querer saber o final da história de um louco e não ficar satisfeito com a explicação apresentada?

Houve um dia em que seu Joaquim me interrompeu no corredor central, estava sério e parecia mais lúcido do que nunca. Me puxou para o canto e disse: Se lembra da história que contei a meus companheiros a algum tempo? Respondi que sim. Seu Joaquim começou a explicar-me: “O navio em alta velocidade, meu caro, era eu, sobre os trilhos, que eram a minha vida, os pneus estouraram quando eu não consegui concertar o buraco no meu casco, feito por aquela tempestade horrível. Desde então, sou apenas um louco que conta histórias a uma almofada, uma chaleira e um tubo de creme dental. Quanto as melancias... sou incapaz de contá-las. Não sei bem o que sobrou. Ainda estou vivo, essa história ainda não acabou, não tem final, e quando tiver não vou ser capaz de contá-lo a você”.

Não saber quantas melancias sobraram me fez pensar que eu e seu Joaquim poderíamos trocar de lugar sem que houvesse nenhum prejuízo. Eu absorto com a história de um louco e um louco me mostrando que estou vivo e ainda tenho chance de mudar os rumos do meu navio, navegar outros trilhos e, principalmente, me mostrando que sou capaz de consertar o buraco no meu casco antes que a tempestade chegue.